



SUPERIOR GERAL DOS CARMELITAS DESCALÇOS
Corso d'Italia, 38
00198 Roma – Italia

*... Lanço-me para o futuro,
em direção à meta, para conquistar o prêmio
que Deus do alto nos chama a receber em Cristo Jesus.
(Fil 3,13-14)*

Caríssimos Irmãos e Irmãs da Ordem Secular

Estamos quase no fim deste sexênio 2015-2021, marcado por alegrias, tribulações e muita esperança. Por isso, ao aproximar-se o Capítulo Geral, gostaria de agradecer ao Senhor por tudo o que ele nos permitiu viver e realizar e também a cada um/a de vocês que nos apoiaram com a oração e a solidariedade fraterna. Da mesma forma, quero com esta carta expressar a minha proximidade afetuosa e orante aos enfermos e a quem perdeu familiares, membros das comunidades e amigos por causa da pandemia ou que estão sofrendo as suas consequências: que o Senhor lhes sustente com a sua graça e o seu amor fiel.

1. Nas cartas escritas a vocês neste sexênio, procurei ressaltar alguns elementos que considero essenciais para a OCDS. Recordo alguns aqui, com a finalidade de manter viva a memória e evitando de cair num mal característico do nosso tempo, a “desintegração da memória” (cfr. *Fratelli tutti* [= FT] 13-14).

A carta à OCDS de 2016 apresentou um resumo das propostas enviadas pelas várias províncias, como contribuição às reflexões do Capítulo Geral de 2015. Referiam-se à oportunidade de se criar um Conselho Internacional da OCDS, ao aprofundamento da formação no carisma do Carmelo teresiano, uma melhoria na comunicação entre os frades, as monjas e a OCDS. São propostas ainda válidas e permanecem como tarefas para o futuro. Em 2017 refletimos sobre as várias formas de missão dos carmelitas seculares. A missão faz parte da vocação à OCDS; ou antes ainda, é direito e dever de cada fiel batizado-crismando. Advertimos que existe a necessidade de maior e mais ativa colaboração de nossos seculares na missão da Igreja, vivida em comunhão com os frades e as monjas, onde for possível. Cada um, segundo a sua vocação específica, é chamado a promover a vida espiritual como amizade com o Senhor, a qual traduz-se em obras concretas para o bem dos outros. Em 2018

concentrei-me sobre alguns aspectos da identidade dos membros da OCDS, em particular sobre a necessidade da prática da oração e do silêncio, cultivando assim uma interioridade que seja habitada pelo Senhor (cf. *Caminho de perfeição* 28,8-10), combatendo a tentação de ficar numa superficialidade estéril e exposta aos condicionamentos do mundo. No ano seguinte, insisti sobre o papel dos conselhos locais e provinciais: é aqui de fato que manifesta-se a vitalidade das comunidades/províncias, no cuidado da fraternidade, da formação e do testemunho missionário. Pelo que pude constatar neste tempo de pandemia, muitos Conselhos provinciais promoveram congressos, encontros formativos e de oração *on line*, que mesmo com todos seus limites, mostraram-se importantíssimos para apoiar e acompanhar os membros das comunidades.

Enfim, na carta de 2020 fiz memória do 50º aniversário do Doutorado da Santa Madre Teresa e do 20º aniversário do II Congresso Internacional da OCDS, do qual lembrei alguns frutos, bem como assinalai algumas tarefas que ainda esperam sua realização em várias províncias. Foi um ano marcado pela expansão da pandemia do Covid 19; e a experiência que ainda estamos vivendo nos faz experimentar profundamente a nossa pequenez e fragilidade. Então, que a vivamos como uma ocasião preciosa para permanecer em atitude de humilde e confiante esperança diante do Deus de amor infinito, certos que a “sua misericórdia é eterna” (Sal 136).

2. No que diz respeito à situação em geral da Ordem secular, trago aqui alguns dados estatísticos (atualizados a 6 de maio de 2021). O total de membros com promessas (temporária e definitiva) é de 28.824, presentes em 92 nações. As comunidades OCDS erigidas canonicamente são 775, às quais acrescentam-se mais 341 comunidades ou grupos em formação; neste sexênio foram erigidas canonicamente 97 comunidades. Estes são alguns dados significativos, que mostram não somente um crescimento numérico, mas sobretudo a sua vitalidade e atuação.

3. Desejo agora sinalizar também algumas preocupações e perplexidades diante de certas atitudes que apareceram em alguns lugares em alguns membros da OCDS. Primeiro, a presença de polarizações e radicalismos. Parece ter entrado também entre nós algumas características do mundo, assinaladas pelo Papa Francisco, tais como os particularismos, os populismos e os fundamentalismos. Cedendo lugar a eles, “explodem conflitos anacrônicos... fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos” (FT 11). Todos são sinais de um individualismo egoísta, mascarado de zelo por algumas formas de aparente ortodoxia. Concretamente tais atitudes manifestam-se como apoio a personagens polêmicos da Igreja, não em pleno acordo com o Concílio Vaticano II, que permanecem apegados a um modelo de Igreja já definitivamente superado. Infelizmente tais atitudes geram conflito e divisões inúteis e tornam-se um contratestemunho, em claro contraste com o desejo de Jesus: que seus discípulos sejam unidos na caridade e na verdade (cfr. Jo 15, 17; 17, 23). A Santa Madre Teresa já

havia advertido para os riscos dos “zelos indiscretos” (1 M 2, 17), que causam muitos danos e esfriam a caridade. Somo chamados hoje a construir comunidades que comuniquem ao mundo a solicitude do bom samaritano, marcada pela gratuidade (cfr. FT 139), pela ternura (cfr. FT 194), e pelo encontro (cfr. FT 215). Os verdadeiras relações fraternas têm a marca do respeito e de comportamentos como os de “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato” que se resumem no verbo “dialogar” (cfr. FT 198).

Um outro problema é o mau uso das redes sociais, utilizadas para espalhar críticas desrespeitosas e notícias falsas a respeito do magistério (da Igreja ou dos bispos), ou que lesam a boa fama de outras pessoas. Pergunto a mim mesmo se quem comporta-se assim, realmente faz parte da Ordem e são filhos da Santa Madre Teresa. Usemos de tais meios com sabedoria e busquemos construir pontes com eles. Se precisarmos discutir, que o façamos como busca da verdade, mas sem nunca faltar com o respeito e a caridade, com a constante preocupação de “conservar a unidade do espírito por meio do vínculo da paz” (Ef 4, 3).

Uma outra preocupação diz respeito à tendência em algumas circunscrições, de retornar a formas de clericalismo ou submissão passiva dos leigos da OCDS. O relacionamento que queremos viver entre a OCDS e os religiosos é o de colaboração e de respeito mútuo das autonomias legítimas. Para a OCDS, recorro que ela tem autonomia no governo, na formação e na organização de suas atividades, segundo as normas aprovadas pela competente autoridade. Não devemos dar passos para trás, porque isto demonstraria que estamos nos fechando-nos ao que o Espírito está nos pedindo hoje. Somos chamados a caminhar juntos (*syn-odos*) como povo de Deus peregrino na história, reconhecendo que somos complementares na vocação e no serviço do único carisma, conscientes que a vocação laical comporta a dedicação na construção do Reino em meio ao mundo (cfr. *LG* 31-32; *ChL* 15).

4. E para concluir, gostaria de deixar-lhes algumas pistas de reflexão, a fim de que vocês prossigam com fidelidade dinâmica no caminho, em colaboração com os outros ramos da Ordem e da família do Carmelo teresiano. Efetivamente, todos somos chamados a “ser missão” em meio a um mundo em mudança e que sofre, encontrando a força na relação de amizade com o Senhor. Isto será possível se viverem imersos nas tribulações, encontrando luz na fé que nunca perde de vista a fidelidade constante de Deus ao longo da história. Neste sentido, “quem crê é fundamentalmente uma pessoa que faz memória” (EG 13). Estamos imersos em um ambiente digital no qual a interioridade está sempre em perigo pela inundação excessiva de informações e imagens que não nos dizem respeito e nos deixam na superfície das coisas. Por isso temos a necessidade urgente de reencontrar as disposições de espírito recomendadas pela Regra e especialmente, a meditação da Palavra de Deus

que nos ensina a custodiar a memória e a manter viva a esperança, renovando constantemente aliança com Deus em Cristo.

Esta foi a experiência vivida por Teresa de Jesus e João da Cruz: imersos nos problemas da Igreja e da Ordem em seu tempo e com o coração fixo na pátria trinitária. Como eles, também nós devemos encontrar no relacionamento humilde e confiante com o Senhor a luz e a força para trabalhar no serviço da Igreja e da Ordem. E como eles, também nós devemos caminhar e trabalhar juntos. Teresa buscou aliados entre religiosos e leigos que a ajudaram a levar adiante a obra fundacional conforme o carisma recebido por ela. Neste sentido, é fundamental que cada membro da Ordem saiba que é corresponsável por aquela porção da Igreja da qual é parte, bem como na edificação de sua comunidade carmelitana com uma atitude ativa e madura.

Isto requer abertura à escuta e a docilidade na formação. Trata-se sobretudo de formar-se para uma vida teologal, a uma fé concreta que abre-se à esperança e age “por meio da caridade” (Gal 5, 6), uma fé como a de Maria e de José, centrada na Palavra de Deus e atenta às necessidades de encarná-la no dia a dia. De tal formação faz parte o estudo e a assimilação dos escritos de nossos Santos do ponto de vista laical.

A luz que vem do Crucificado Ressuscitado ilumine as vidas e corações de vocês, para que possam viver profundamente a vocação e missão na Igreja e no mundo de hoje. Que lhes sustente particularmente a intercessão de Maria, Mãe da Igreja e a de São José seu esposo, Patrono de toda a Igreja, o “providencial protetor” de nossa Ordem.

Que o Senhor abençoe e proteja suas famílias de comunidades!

Fraternalmente no Carmelo



Fr. Saverio Cannistrà
Fr. Saverio Cannistrà OCD
Prepósito Geral

Roma, 24 de maio de 2021 – Festa da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja